



AS PLURALIDADES DO SER CRIANÇA NO QUILOMBO MATO DO TIÇÃO-MG

Patrícia Maria de Souza Santana¹

Resumo: Neste artigo apresentam-se as identidades, vivências e possibilidades das crianças quilombolas do Quilombo Mato do Tição, situado em Minas Gerais. Através do diálogo de teorias do campo da Sociologia e Antropologia da infância, com Africanidades, Educação e Identidade Quilombolas, pretendeu-se destacar a importância de ouvir as crianças e compreender a diversidade de seus modos de ser. Esses modos de ser manifestaram-se na participação em brincadeiras, atividades lúdicas, educativas e políticas. Por meio dessas interações, foi possível perceber a inserção das crianças na dinamicidade e complexidade da vida social no Mato do Tição, assim como seus processos de constituição de uma identidade quilombola e negra, sua atuação na preservação das tradições da comunidade e suas percepções sobre a discriminação racial.

Palavras-chave: educação quilombola; crianças; infâncias; identidade.

THE PLURALITIES OF BEING A CHILD AT QUILOMBO MATO DO TIÇÃO-MG

Abstract: In this article are presented the identities, experiences and possibilities of the quilombola children of Quilombo do Mato do Tição, placed on Minas Gerais. Through the dialogue of theories of the field of Sociology and Anthropology of Childhood, with Africanities, Quilombola Education and Identities, it was intended to highlight the importance of listening as children and the diversity of their ways of being. These modes of being manifested in participation in play, educational games and political activities. Through interactions, it is possible to perceive an insertion of the children in the dynamics and complexity of social life in the Mato do Tição, as well as their processes of constitution of a quilombola and black identity, its updating in the preservation of the traditions of the community and their perceptions about the racial discrimination.

Keywords: quilombola education; children; childhoods; identity.

LES PLURALITÉ DU ÊTRE ENFANT DANS LE MARRONNAGE MATO TIÇÃO-MG

Résumé: Dans ce tarticle, les identités, les expériences et les possibilitésdes enfants quilombolas le quilombo Mato do ramoneur, situé à Minas Gerais. Par le dialogue desthéoriesdudomaine de lasociologie et de l'anthropologie de l'enfance, ave clesafricains, l'éducation et l'identité quilombolas, il a été conçu pour souligner l'importance de l'écoutes enfants et la compréhension de ladiversité de leursfaçons d'être. cesmodes d'êtremanifestés dans Participation à desplaisanteries, ludiques, éducatives et politiques. Grâce à cesinteractions, il a étépossible de percevoirl'insertiondes enfants dansladynamique et lacomplexité de laviesociale dansle Mato do ramoneur, ainsi que leurs processus de constitution d'une identité quilombolas et noire, leuractiondansla préservation destraditions de la communauté et de leurs Perceptions sur la discriminationraciale.

Motsclés: educação quilombolas; enfants; enfance; identité.

¹ Trabalha como professora da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte. Realiza consultorias para a Ação Educativa e Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT. Integrante do Grupo de pesquisa sobre Educação e Quilombo da Faculdade de Educação da UFMG.

LAS PLURALIDADES DE SER NIÑO EN UN QUILOMBO DE MATO DEL TIÇÃO-MG

Resumen: En este artículo las identidades, las experiencias y las posibilidades de los niños quilombolas el Quilombo Mato do deshollinador, localizado en Minas Gerais. A través del diálogo de teorías del campo de la sociología y de la antropología de la niñez, con las africanidades, la educación y la identidad quilombolas, fue pensado para subrayar la importancia de escuchar a niños y de entender la diversidad de sus maneras de ser. Estos modos de manifestarse en Participación en chistes, actividades lúdicas, educativas y políticas. A través de estas interacciones, fue posible percibir la inserción de los niños en la dinámica y complejidad de la vida social en el barrio de lachimenea de Mato do, así como sus procesos de Constitución de una identidad quilombola y negra, su actuación en la preservación de las tradiciones de la comunidad y sus Percepciones de la discriminación racial.

Palabras-clave: educación quilombolas; niñez; infancia; identidad.

BREVE CONTEXTO DO QUILOMBO MATO DO TIÇÃO

O presente artigo baseia-se na pesquisa de doutorado realizada no “Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social” da Faculdade de Educação da UFMG no período de 2011-2015. Com a pesquisa busquei compreender os modos de ser criança na Comunidade Quilombola de Mato do Tição destacando-se o seu cotidiano de experiências, vivências e aprendizagens no festejar, no brincar nas relações com seus pares, no convívio com os mais velhos, nas expressões de religiosidade e nas relações com o meio em que vivem.

Mato do Tição localiza-se na cidade de Jaboticatubas na Região Metropolitana de Minas Gerais. Possui 35 famílias em um total de 176 moradores.

A origem do nome Mato do Tição é contada por muitos moradores e também pelas crianças. Contam que há muito tempo, na falta de luz elétrica, utilizavam tochas ou tição para iluminar os caminhos. Quem avistava a mata de longe via aquele fogo brilhando na noite e começaram a falar que era a mata do tição ou mato do tição. Pereira e Gomes (1992) apresentam duas versões para a origem do nome, sendo as duas semelhantes àquelas que se contam atualmente.

Mato do Tição constitui-se enquanto comunidade negra rural a partir do assentamento em terreno doado por um senhor a um grupo de escravizados, avós dos atuais patriarcas e matriarcas da comunidade, que ali trabalhavam em fins do século XIX (Gomes e Pereira, 1992).

Como a maioria das comunidades quilombolas, Mato do Tição convive ao longo de sua história com conflitos e tensões que envolvem a luta pelo território e pelo reconhecimento de sua cultura e pela busca de respeito e tratamento tanto da população do entorno como pelo Estado.

A comunidade foi certificada em 2006 pela FCP (Fundação Cultural Palmares). O processo de certificação e seus desdobramentos trouxeram novas experiências para o lugar, uma delas está relacionada à identidade de seus moradores enquanto quilombolas. Uma identidade que está sendo tecida e construída nas interações com os movimentos quilombolas de Minas Gerais e do Brasil e também com uma retomada política das memórias sobre o surgimento do quilombo, as continuidades e mudanças sofridas ao longo do tempo. Por ser uma comunidade rica nas suas práticas culturais e por possuir um calendário festivo extenso e dinâmico, nos últimos anos, observa-se um crescente interesse por parte de pesquisadores, estudantes, ONGs, movimentos sociais etc. que visitam constantemente a comunidade possibilitando, dessa forma, um contato intenso dos moradores com pessoas de diversas localidades do estado e do país.

Mato do Tição possui um extenso calendário festivo marcado principalmente por festas religiosas e com as recentes introduções da festa da Consciência Negra e participação do bloco da comunidade no carnaval da cidade de Jaboticatubas.²

As crianças constituem cerca de 25% da população, com idade entre zero e 15 anos têm presença marcante na vida da comunidade. Ao se visitar a comunidade, principalmente nos finais de semana e ocasiões festivas, os visitantes poderão ver as crianças de diversas idades brincando, participando ativamente das festas e eventos religiosos, assim como se percorrerem as casas e quintais, verão que elas também colaboram com as atividades domésticas realizando diversas atividades, sendo que uma delas é o cuidado das crianças pequenas. Todas as crianças maiores de 4 anos estudam em escolas públicas localizadas na sede de Jaboticatubas ou em bairros próximos, pois na comunidade não existe nenhuma escola.

² As festas por ordem cronológicas são: Folia de Reis, carnaval, encomendação das almas, queima do Judas, mês de Maria e coroação de Nossa Senhora, festa do cruzeiro, festa dos três santos (Santana, São Sebastião e Nossa Senhora de Lourdes, reza de Santo Antônio, festa de São João, reza de São Pedro, Reinado de Nossa Senhora do Rosário, festa da Consciência Negra.



O aprendizado com as crianças do Mato do Tição, permitiu-me a compreensão viva de que elas precisam ser ouvidas e que suas vozes devem ser consideradas como importantes caminhos para a compreensão das dinâmicas vividas no quilombo no que tange as relações comunitárias, as vivências culturais, sociais e políticas da comunidade.

O PERCURSO METODOLÓGICO PARA O DIÁLOGO COM AS CRIANÇAS

Durante a pesquisa lancei um olhar para as singularidades da vida das crianças, buscando compreender a educação “no chão do quilombo”. Estabelecendo um diálogo com referências sobre a infância, especialmente a sociologia da infância com destaque para os processos de configuração de culturas de pares e seus aprendizados nesses grupos tais como: Gomes (2007) Corsaro (2002,2011), Cohn (2005), Kkramer (2008), Leite (2008), Sirota (2001). Foi feito, igualmente, um recorte sobre a infância negra e, sobretudo a infância quilombola que é um campo ainda restrito nas agendas de pesquisa nas ciências sociais e na educação. Nos processos de análise de dados, essa bibliografia sobre crianças negras Mott (1979) Florentino e Goes (2008) Fonseca (2000) Cavaleiro (2000), Silva (1995), Dias (2002), Oliveira (2004), Silva (1995), Fazzi (2004) e Trinidad (2011) foi fundamental para compreender os processos de constituição da identidade das crianças de Mato do Tição e, os preconceitos sofridos por serem negras e quilombolas.

Os desafios para a definição da metodologia mais adequada para a escuta e o diálogo com as crianças, definiram um conjunto de instrumentos bem peculiares para abarcarem a complexidade do ser criança no Mato do Tição. A observação participante foi central nessa pesquisa. Participei e observei as crianças em suas movimentações e circulações pelo quilombo; suas participações nas festas, oficinas e eventos; suas interações com seus pares e com os adultos; suas inserções no mundo religioso; suas brincadeiras; realização das tarefas domésticas e seus momentos conflituosos.

Observei participando de várias maneiras, em espaços e contextos diferentes tentando apreender, aos poucos, as partes de um conjunto que se constituiria nos modos de ser criança naquela comunidade. Esse conjunto observado está longe de ser a totalidade desses modos de “ser”, mas compreende um todo que me permite construir/reconstruir uma narrativa articulada com o que vi, com o que percebi e com o que vivi em diálogo



com as minhas experiências e com teorias que fornecem elementos para a análise das pluralidades do ser criança no Mato do Tição.

No decorrer das visitas ao Mato do Tição e dos primeiros contatos com as crianças, me deparei com uma realidade complexa em diversos aspectos. Fui percebendo que teria que lançar mão de vários recursos metodológicos e instrumentos para ter acesso às crianças e ao que tinham para me dizer e mostrar. A busca por métodos e técnicas diferenciadas para a pesquisa com crianças tornou-se um enorme desafio. No entanto, a bibliografia pesquisada, que trata de metodologias de pesquisas com crianças, apresentou os mais variados métodos e técnicas, muitas delas pensadas e organizadas ante as demandas do campo.

Também tive a preocupação de que os espaços de narrativas das crianças fossem assegurados aliando, à medida do possível, a encontros/momentos prazerosos para elas, numa tentativa de aliar a ludicidade própria do mundo infantil ao diálogo em torno das questões da pesquisa. Não busquei somente informações, queria conhecer as crianças no intuito de compreender sua visão de mundo, suas relações socioculturais, suas formas de pertencimento.

Alguns dos instrumentos que utilizei têm sido muito usados em pesquisa com crianças como o desenho, a contação de histórias e as conversas informais. Outros foram apropriados de outros campos de estudo como a Geografia, a Agronomia e a Extensão Rural, cujos instrumentos foram adaptados ao contexto. Diante da complexidade de temas que precisava abordar e da especificidade concernente ao mundo da infância, fui variando a forma de abordar as experiências das crianças.

Dentre as possibilidades existentes nas metodologias de pesquisa com criança, além da **observação participante** lancei mão das **conversas direcionadas** focadas em uma temática especial, no caso as festas do quilombo e a experiência com o preconceito; **aplicação de questionário** para traçar o perfil das crianças; **abecedário** e **desenhos** para captar suas impressões sobre o Mato do Tição visando à percepção das crianças sobre o lugar em que vivem; **entrevistas semi-estruturadas** para tratar de temas variados envolvendo seu cotidiano, sua participação nas festas, processos de construção de identidade quilombola etc.; **passeio pelo quilombo**(juntamente com as crianças percorremos a comunidade visitando cada casa e outros espaços como capela, bares etc), para compreender como as crianças se apropriam dos diversos espaços do



quilombo e suas relações com as pessoas, objetos, construções, artefatos e finalmente **confecção de um livrote tecidos** com histórias e desenhos das crianças, no qual foi possível apreender a partir de registro escrito, oral e visual suas impressões sobre o quilombo logo após o passeio.

Na caminhada e no aprendizado com as crianças do Mato do Tição, participei das festas religiosas e profanas, missas, sessões de benzeções, almoços, festas de aniversários, batizados, velórios, rodas de conversas, rodas de viola, tardes no bar para ver partidas de futebol televisionadas; participação na festa junina da escola em que as crianças pequenas estudavam, a sua participação nas festas de comunidades vizinhas, durante a realização das oficinas de capoeira, máscaras e teatro de bonecos, teatro e dança.

AS CRIANÇAS DO MATO DO TIÇÃO – PLURALIDADES E POTÊNCIAS: AUTOIDENTIFICAÇÃO RAÇA/COR DAS CRIANÇAS

A declaração de raça/cor das crianças de Mato do Tição foi colhida num grupo de 16 crianças (quatorze meninas e dois meninos) com idade entre 5 e 15 anos em duas etapas: a primeira pedindo para se autoidentificarem espontaneamente. Nessa etapa, um grupo de seis se identificou como pardas; seis como negras; duas como pretas e duas como brancas. Na segunda etapa, a autoidentificação foi induzida considerando as atuais categorias do IBGE: preto, branco, pardo, amarelo e indígena. Nessa etapa, seis se identificaram como parda; oito como pretas e duas como brancas. Foi surpreendente a definição como pardas nas duas etapas, uma vez que essa categoria não é de fácil aceitação pela maioria dos brasileiros.

Quando perguntadas qual era a sua cor a maioria das crianças respondeu rapidamente à questão, sendo que a maioria se identificou como preta e ou negra. Ao responderem, olhavam para a pele do seu braço e diziam “preta né?”. Uma das meninas que se identificou como branca ao responder “o povo fala que eu sou branca”. A outra menina que se identificou como parda disse “parda, porque amarela eu não sou”.

Esse não titubear para responder sobre sua cor não é muito comum entre adultos e crianças. Em relação às crianças, pesquisas demonstraram que elas normalmente apresentam dúvidas e hesitação para responderem e se utilizam de subterfúgios para as respostas. Fazzi (2004) constatou em pesquisa realizada em duas



escolas públicas de Belo Horizonte que as crianças tiveram dificuldades de expressar sem ambiguidades a sua cor. Destaca que, nos casos das crianças brancas, essa dificuldade é bem menor. Segundo a autora, as crianças não brancas utilizaram-se de vários termos raciais e se orientaram principalmente pelo princípio da gradação da tonalidade de cor da pele, “o que faz que uma pequena diferença de tom seja ressaltada” (p.72), demonstrando o desejo de fugir à categoria de pretas ou negras.

Queremos com isso supor que as crianças de Mato do Tição fazem parte de um recente processo de reclassificação racial e se posicionam com mais precisão quanto a sua cor (Guimarães, 2011). Supomos que um dos elementos que pode ter contribuído para essa aparente tranquilidade na resposta, corresponde ao fato de participarem de momentos onde essas questões são abordadas. As crianças estão sempre ouvindo termos como afro-brasileiro, negro, afro, cultura negra, consciência negra, movimento negro. Esses termos circulam nas conversas sobre a origem da comunidade, nos discursos por ocasião de algumas festividades como o dia da consciência negra, nos documentos da associação quilombola e nas falas de visitantes, principalmente daqueles que desenvolvem algum projeto na comunidade. Durante a realização da oficina de capoeira, por exemplo, o professor conta histórias da capoeira e sua origem com os escravizados, associando a capoeira à cultura negra. A fala de uma menina durante uma conversa sobre essa questão com a pesquisadora demonstra que o assunto é abordado em família:

K- Eu gosto da minha cor negra é porque ela é muito bonita. Eu perguntava assim porque as gente é branca... e nós não é, aí mamãe falou assim comigo “Deus te criou do jeito que ocê é, agora cê tem que olhar a belezura dos outro pra querer ser”? Aí eu pensei nisso e comecei a gostar. As pessoas tinham um cabelão, eu queria ter um cabelão, e aí eu falava que ia passá um trem pro meu cabelo ficá grandão, aí eu gosto do meu cabelo, meu sonho é que meu cabelo cresça e eu virar uma artista.

P- (pesquisadora). Quem te ensinou a gostar de você?

- Foi mamãe, vovó, vovô e assim... As outras crianças que fala que quer ser eu (Keezy³, 7 anos).

Vemos que a afirmação de uma identidade negra positiva é tecida no interior da família e da comunidade. Essa situação é no mínimo inusitada frente aos dolorosos processos de construção da identidade negra aos quais as meninas negras estão

³ Todos os nomes aqui citados são pseudônimos.



expostas. Do desejo de ser branca e ter cabelo liso, vemos a menina elaborar um discurso de orgulho de ser como é.

Também as próprias crianças disseram que a maioria dos moradores da comunidade é de pessoas negras. Talvez, também, o fato de vivenciarem um momento de valorização cultural da comunidade e essa valorização estar associada a sua origem negro africana possibilita certa tranquilidade às crianças em se identificarem sem subterfúgios. O orgulho de pertencer à comunidade quilombola do Mato do Tição já faz parte do discurso das crianças, como na fala de Ayana “eu tenho orgulha de ser daqui, não quero sair daqui nunca”. Essa situação de construção de um orgulho de fazer parte de sua comunidade, também foi observada por Paula (2014) entre as crianças quilombolas de sua pesquisa. A questão do pertencimento ao quilombo e os processos de afirmação de identidade presentes em suas vidas e na comunidade, permitem às crianças elaborarem estratégias de reação às situações de preconceito vivenciadas por elas nas escolas.

CONHECENDO O QUILOMBO PELO OLHAR DAS CRIANÇAS

“Eu gosto de ser daqui, tenho orgulho, não quero mudar daqui nunca. Minha família é toda daqui, é o lugar mais gostoso do mundo”. (Ayanaa, 11 anos)

O Mato do Tição para as crianças que nele vivem é um lugar bom de viver e de morar. Destacam a convivência com a família, as festas e a “cultura” como coisas importantes que têm no quilombo. Percebem e nomeiam conflitos e movimentos de mudanças que acontecem na comunidade. As crianças maiores dizem das diversas possibilidades de vivenciarem a infância sendo de uma comunidade considerada tradicional e ao mesmo tempo, de participarem das mesmas coisas que crianças de qualquer outro lugar vivenciam como as redes sociais e o uso de celulares, por exemplo.

A palavra quilombo não é desconhecida das crianças e circula atualmente com mais frequência na boca dos adultos, lideranças da associação. Também as pessoas que desenvolvem projetos na comunidade sempre se referem ao lugar como um quilombo. O termo consta no nome da associação “Associação quilombola do Mato do Tição”, nos documentos e relatórios emitidos pela instituição e está presente nos discursos das pessoas de fora e de dentro da comunidade. Também, na entrada da estrada que liga o



centro de Jaboticatubas à comunidade existe uma placa com a inscrição: “Comunidade quilombola do Mato do Tição” sob as insígnias do governo federal, estadual e do município de Jaboticatubas. Também como já citado aqui, na porta da casa de D. Divina, uma das matriarcas, existe uma placa talhada em madeira com a inscrição “Quilombo do Mato do Tição”.

Ao serem perguntadas se sabiam o que era um quilombo, as que souberam responder disseram: “Ah... quilombo é uma cidade assim... que ela é de preto”./ “Lugar de escravos fugidos”./ “Comunidade de pessoas negras”./ “Lugar que tem muitos negros”.

Ao serem perguntadas por que ali era um quilombo, algumas responderam:

Essa cidade é muito legal e tem cara de ser quilombola, por causa que... das atividades muito legal. Tocar candombe, cantar em folia, dia do Judas assim, então...”./ “Que eu vi lá na placa, cidade quilombola do Matição”./ “Porque tinha muitos escravos que fugiram pra cá”./ “Porque aqui tem muita cultura”./“Porque aqui é uma comunidade”.

Quando perguntadas sobre o que tinha de diferente no Mato do Tição que não havia em outros lugares, as crianças quase que unanimemente fizeram referência aos marcadores identitários como as festas, o candombe e as celebrações existentes na comunidade acrescentando outros componentes como aula de capoeira, aula de violão, fé, muita cultura.

“Reza de São João, reza de maio, mais fé”. / “Capoeira, teatro, festas de São João, Cruzeiro, reza de São Pedro, maio de coroação”./ “O candombe, a fogueira, a reza do cruzeiro, a festa de São João”./ “Muita coisa. É tudo diferente. Lá em Jabó tem carro trançando pra lá e pra cá e aqui não tem, aqui tem rio e lá não tem, lá tem um córrego sujo, poluído. Lá os cara bebe e sai caindo, aqui os cara bebe e não cai. As festas tem... aqui tem festa e lá pra eles festa é cachaça, aqui tem reza, música e lá fora é só bebida.” /“Aqui tem muita cultura”.

Sobre as coisas boas, as referências são as brincadeiras, a família, a convivência com os parentes, as festas, as comidas e músicas das festas. Para as outras gerações as festas eram muito boas, assim como os bailes que atravessavam a madrugada e a união do povo.

A identidade como criança do Mato do Tição é muito forte entre as crianças. A compreensão de que são quilombolas aparece como um discurso que é construído a



partir de várias vivências em torno dessa identidade que pode ser considerada recente no interior da comunidade.

A utilização do termo quilombola dentro de Mato do Tição acompanha o processo nacional sobre o reconhecimento das comunidades remanescentes de quilombo pelo Estado brasileiro. Na esteira desse processo seguem as ONGs, universidades, pesquisadores das mais diversas vinculações. Aos poucos essa identidade vai sendo incorporada e tecida entre as pessoas de Mato do Tição dando um lugar de visibilidade da comunidade confirmado pelo interesse de pesquisadores.

A identidade quilombola vai sendo incorporada e negociada principalmente por aqueles que têm maior engajamento político. No caso de Mato do Tição, o reconhecimento representa a possibilidade de terem a titulação das terras e recuperação de muitos hectares perdidos para sitiantes e fazendeiros ao longo do temp. Assim como verbas para a execução de projetos destinados principalmente à preservação cultural e melhoria da infraestrutura local. Outros direitos como verba especial para o município que tem estudantes quilombolas nas escolas, direito a uma educação diferenciada ancorada em princípios que valorizam e incorporam no currículo a história e cultura quilombola e afro-brasileira ainda não são do conhecimento da maioria dos moradores. As crianças vivenciam todo esse processo e vão aprendendo na escuta dos mais velhos, nos projetos desenvolvidos na comunidade criando suas formas de compreensão do que é ser quilombola, nos dizeres de Ayana (10 anos) “ser do Mato do Tição é bom demais”!

“O DIA INTEIRO A GENTE BRINCA” – AS BRINCADEIRAS COMO EXPRESSÃO DO SER CRIANÇA

A criança do Mato do Tição é um ser brincante. Assim como parece ser também as crianças quilombolas como destacado nas pesquisas de Spindola (2008), Chisté (2012) e Paula (2014). A brincadeira está presente em diversos momentos da vida cotidiana, espaços e ocasiões de vivência das crianças. Em Mato do Tição os melhores momentos das brincadeiras em um grupo grande de crianças são durante as festas, aguardando as celebrações religiosas, nos intervalos das oficinas, aguardando o ônibus para a escola. As brincadeiras em grupos pequenos acontecem dentro das casas, nos quintais durante a noite nos dias de semana e durante o dia nos finais de semana.

Paula (2012) em pesquisa realizada em dois quilombos de Santa Catarina observou inúmeras brincadeiras das crianças quilombolas e destacou a autonomia das crianças frente aos adultos. Decidiam a brincadeira da vez, discutiam as regras de algum jogo, faziam brinquedos com cacos e objetos encontrados pelo caminho. As brincadeiras para aquelas crianças, de acordo com a autora, estavam revestidas de um caráter fundamental para o seu processo de socialização e vivência de sua infância singular:

Durante minha permanência em campo, foram observadas diversas formas de brincar entre as crianças e elas também relataram muitas outras que têm costume⁴.

Organizam-se em grupos de acordo com a ocasião e a disponibilidade. Grupos de idades próximas, idades variadas (de 2 a 14 anos), somente crianças bem pequenas, somente meninas e grupos mistos de meninas e meninos. Como o grupo de meninas é maior que o de meninos, não foi observado a existência de grupos somente de meninos. Também demonstraram autonomia na escolha e organização das brincadeiras assim como se utilizavam pouco de brinquedos industrializados.

Em Mato do Tição as crianças passam muitas horas na companhia de outras crianças e mesmo em situações em que as maiores têm que cuidar das menores, ocorre na maioria das vezes, a integração das pequenas nas brincadeiras dos grupos. De acordo com Lancy, Bock e Gaskins (2010), esses processos de interação entre crianças de diversas idades, são importantes para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo das crianças. Em diversas culturas, as interações entre crianças em seus contextos cotidianos prevalecem sobre as interações com os adultos. As crianças são mais próximas umas das outras em situações de atividades em que elas se tornam mais interessadas porque são realizadas por outras crianças. É como se elas aprendessem na medida certa aquilo que, se tivesse sido ensinado por um adulto experiente, as sobrecarregariam. Enquanto interagem umas com as outras as crianças aprendem habilidades úteis em situações de brincadeira tais como tarefas domésticas e outros tipos de trabalho.

⁴ As brincadeiras mais citadas e observadas foram: brincadeiras com bola, casinha, mamãe-filhinha, roda, pular corda, candombe, queimada, pisão chicotinho queimado, corre cotia, esconde-esconde pega-pega, rouba bandeira, brincar de boneca, polícia e ladrão, jogos de computador, joguinhos de celular, telefone sem fio, soltar papagaio (pipa), folia de reis, escolinha, salão de beleza, restaurante.



BRINCAR DE FOLIA DE REIS E CANDOMBE⁵

“Por que põe a máscara na folia de reis? Deve ser primum aparecer a cara da pessoa porque fica mais sem graça, ou porquê... já viu o veio? Ele tem barba, então tem que usar a máscara porque a pessoas que não tem barba, vai ficar... tem que ficar parecido com os reis”. (Keezy., 7 anos).

Diante de máscaras e roupas deixadas na capela, elas se tornam foliões da Folia de Reis e brincam de assustar as crianças menores. Com os tambores disponíveis depois das oficinas de capoeira, encenam o candombe brincando de ser D. Divina matriarca da comunidade. O candombe que é aprendido e ensinado sem pressa toma a dimensão da brincadeira quando Laila (8 anos) dança o candombe como se fosse D. Divina e provoca risos entre as outras crianças. Ali, ela pratica os movimentos e começa a cantar os cantos, muitas vezes tão enigmáticos para os adultos, e de difícil entendimento para as crianças.

Brincam de muitas coisas e brincam das coisas que fazem parte da tradição da comunidade. Folia de Reis e Candombe compõem as suas rotinas, elas já nascem participando desses eventos, divertem-se com eles nas ocasiões festivas e revivem nas brincadeiras essa parte da cultura local que já foi incorporada por elas. Na Folia de Reis, que acontece nos meses de dezembro e janeiro um grupo de crianças participa ativamente acompanhando o grupo do reinado de casa em casa, vestindo as roupas típicas e colocando as máscaras que representam os reis magos e palhaços que divertem as pessoas pelo caminho.

O processo para se tornar candombeiro é mais lento. Cada criança vai encontrando sua forma de participação e aprendizagem. Mas a maioria ainda está na fase de apenas aprender a tocar os tambores, nenhuma ainda entoa os cantos e realizam a coreografia típica do rito. De acordo com Keezy (7 anos), ela ainda não dança nos grupos de candombe de “verdade”, só de brincadeira “Eu tenho vontade de dançar o

⁵Folia de Reis é uma festividade presente em muitas comunidades brasileiras, principalmente as do meio rural. Constituiu-se como a rememoração da visita dos três reis magos quando do nascimento de Jesus. Em Mato do Tição os integrantes da folia caracterizados de reis magos, violeiros, sanfoneiros, palhaços etc., saem em visita às casas cantando e rezando diante dos presépios. O candombe, de acordo como Pereira (2005) ,éum ritual de origem banto que tem a marca do sagrado com elementos do catolicismo, da umbanda e do culto aos antepassados. Em Mato do Tição nos rituais do candombe homenageiam e rememoram os antepassados que são pessoas da família ou da comunidade que contribuíram de forma marcante na vida do grupo e que ganharam a condição de entes exemplares após a morte.



candombe, eu tô aprendendo, mas eu sou uma pessoa vergonhosa, vai que eu erro uns passos lá aí as pessoa ficam rindo e eu tenho vergonha”.

O Candombe tem seus mistérios que vão sendo desvelados muito lentamente. Nesse sentido as crianças ao brincarem de candombe estão praticando na brincadeira o que ainda não “podem” praticar de forma plena nas rodas de Candombe, pois o preparo para isso é mais demorado. Keezy nos diz que toca bem o guaiá e até é elogiada pelos tios quando toca e ainda não tem coragem de dançar e cantar, pois não aprendeu as músicas direito e tem vergonha de errar.

“O POVO DO MATIÇÃO É TUDO MACUMBEIRO” – PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO RACIAL DOS DE “FORA”

Apesar de a escola realizar tentativas de promover um maior conhecimento sobre as diversas comunidades rurais existentes em Jaboticatubas, isso não é suficiente para dirimir os preconceitos e estereótipos sobre o Mato do Tição.

As crianças relataram inúmeros casos em que o fato de serem do Mato do Tição e também de serem negras é motivo de preconceito e discriminação por parte dos colegas de escola. As crianças do Mato do Tição sabem que tais preconceitos devem-se ao fato de serem negras e de serem uma comunidade que mantém suas tradições afro-brasileiras. Sabem, também, que essa tradição é taxada pelas pessoas de “macumba”, macumba não como utilizada rotineiramente nos terreiros, como sinônimo do candomblé, mas de forma pejorativa e racista.

Atualmente, a expressão “macumbeiro” ou “macumbeira”, tem sido muito utilizada ante a qualquer referência de marcadores de identidade negra, seja através de como as pessoas se vestem e os adereços que usam (colares, turbantes, cabelos trançados, cabelos blacketc), seja pelas músicas e instrumentos como os tambores, as danças etc. Todo o conjunto é taxado de macumba e repellido como “coisa do demônio”. Além da discriminação racial propriamente dita, agrega-se outros tipos de discriminação associadas à identidade afro-brasileira. Há uma crescente onda de desrespeito a diversidade religiosa que vem atingindo principalmente os adeptos das religiões de matriz africana. Em muitos casos, existe confusão e desconhecimento por parte dos agentes da discriminação que nos dizeres da menina Dandara é expressão do racismo “Lá (escola) é racismo, eles não conhecem e ficam falando”.



As relações raciais no meio rural guardam particularidades que se associam a um rígido processo de hierarquização social e racial na qual ainda são mantidas relações de exploração do trabalho das populações negras e pobres que na visão predominante dos descendentes dos senhores de escravos, quando esses resistem à exploração, são taxados de briguentos, preguiçosos e exigentes por não aceitarem trabalho mal remunerado e sem direitos trabalhistas.

Beatriz Caitana da Silva (2011), em suas análises dos processos de invisibilização da criança quilombola nas políticas públicas brasileiras, chama a atenção para a particularidade dos processos de discriminação sofridos pelas crianças ao considerar que em relação à criança quilombola existe um duplo racismo: por ela ser negra e por ser uma criança quilombola. Também destaca a importância de se pensar a criança negra do meio rural e do urbano em suas particularidades. Em sua pesquisa as vozes das mães quilombolas demarcaram uma diferença entre as suas crianças (negras do meio rural) e as crianças negras do meio urbano. No entendimento dessas mães as crianças quilombolas têm bem menos oportunidades quanto a educação e ao mercado de trabalho se comparadas às crianças negras da cidade: “o reproduzir as falas das mães das crianças quilombolas, traz-nos à tona, uma outra vertente da diferença entre crianças negras do meio urbano e do meio rural, que diz respeito ao preconceito e à desvalorização do meio rural” (p.58).

Os quilombolas tentam se afastar da narrativa escravista de eterna, submissão, de exotismo e de subalternidade, resistindo através de sua luta política e construção positiva de sua identidade afro-brasileira. As mudanças do imaginário incrustado no de “fora” do quilombo ocorre lentamente e não acompanham os processos de transição dos de “dentro” do quilombo em suas conquistas, resistência e luta por reconhecimento. Parece faltar um complemento institucional mais imediato de valorização das comunidades quilombolas para que as mesmas possam, de fato, romper com a dependência econômico-social daqueles que os enxergam como meros descendentes de escravizados.

A perseguição às religiões de matriz africana faz parte da história do Brasil atingindo, principalmente, a população negra que historicamente teve o silêncio como forma de resistência ao preconceito e discriminação contra seus cultos. Para D’Adesky (2001)



Em sua chegada ao novo território brasileiro, os negros africanos serão imediatamente inseridos num diferente quadro simbólico religiosos, numa ruptura total com a realidade anterior das sociedades africanas. A relação dos negros com a sociedade colonial será marcada, no plano religioso, pela conversão obrigatória à religião do senhor e por um passado de perseguições àqueles que tentaram permanecer fiéis às práticas de seus ancestrais (D'Adesky, 2001, p.51).

Para esse autor, a religião é um sistema gerador de sociabilidade e comunidade. No Mato do Tição isso é percebido imediatamente quando se participa dos cultos e das festividades religiosas, mas não só, a espiritualidade é imanente a vida de seus moradores que têm na religião, em Deus, em Nossa Senhora, nos santos, no culto aos antepassados, aos orixás e a outras entidades uma forma de existir que lhes garante continuidade enquanto grupo, enquanto comunidade, enquanto família.

A busca por uma construção identitária positiva passa pela valorização da história de um povo, história essa alicerçada na resistência à escravidão, a opressão dos grandes proprietários de terra e de bens e à busca de estratégias para fazer frente ao racismo. Assim, a religiosidade do povo do Mato do Tição é representativa da dimensão histórica de uma comunidade que se constituiu no entrelaçamento das culturas africana, indígena e europeia. A umbanda, o candombe, os cultos aos antepassados são em certa medida, depositárias da tradicional cultura religiosa africana e representam uma ligação com essa ancestralidade. O catolicismo praticado em Mato do Tição é um catolicismo popular negro é colocado em prática em vários núcleos familiares rurais em todo o Brasil. Em Minas Gerais existe uma forte influência banto nas formas de expressão do catolicismo. Essa é uma diferença do Mato do Tição e de outras comunidades do município de Jaboticatubas quando comparadas ao catolicismo praticado em outras localidades. De acordo com Pereira (2007)

Dentro dessa vivência religiosa se alinham agentes importantes como os rezadores de terços e ladainhas, os benzedores e benzedoras, os candombeiros e raizeiros, enfim, homens e mulheres, devotos que participam de inúmeras celebrações do sagrado, como as festas dos santos padroeiros, os batizados, os casamentos e cerimônias fúnebres. Esses núcleos familiares por um lado, tecem vínculos identitários a partir de sua própria herança cultural, fechando-se, em certa medida, para os contatos externos: por outro lado, desenvolvem diálogos com a sociedade circundante através de trocas de bens culturais que realçam o seu caráter dinâmico (Pereira, 2007, p.45).



Compreendemos, no entanto, que a dinamicidade citada por Pereira precisa ser apreendida de forma abrangente pela escola e pela sociedade de forma geral. Apesar dos significativos avanços conquistados pela comunidade de Mato do Tição no que se refere à valorização de seu patrimônio cultural, em seu entorno permanecem mecanismos de rejeição dessa cultura que são assimilados pelas crianças e transformados em material de discriminação no interior das escolas.

AS EXPRESSÕES DO PRECONCEITO E A REAÇÃO DAS CRIANÇAS

As crianças falam dos preconceitos e suas reações: Desejo de explicação para mudar a visão que têm do quilombo, dialogar e não brigar, ficar quieta e não falar nada, vontade de brigar, matar, superação através da descoberta da existência de um dia especial para os negros. Abaixo a transcrição da conversa com as crianças sobre a situação de discriminação na escola.

A- Na escola o menino chamava de tição, eu e o Enan que era os mais escuros (Ayana, 10 anos).

Pesquisadora (P)- E como você se sentia?

A- Tinha um sentimento ruim, queria explicar que aqui é um quilombo.

Kele- O pessoal falava que o povo daqui é macumbeiro. Também chamaram a Keezy de neguinha do saci.

P- E o que você fazia?

N- Eu prefiro explicar e não brigar. O que tem de diferente aqui é a fogueira, coroação, candombe. Em Lagoa Santa também tem candombe. (Nala, 8 anos)

Addaê- Eles fala que todo mundo do Matição é macumbeiro (5 anos).

Dandara- É eles ficam falando isso.

Kele- Falam que aqui era um... quilombo muito ruim, só tinha gente feia e gente preta, só eu era que era branca.

P- O que você sentia?

Kele- Um negócio ruim no coração, falava que era ruim o lugar que eu morava?

P- E o que você fazia?

Kele- Ficava quieta.

P- E a professora?

Kele- Não falava nada. (9 anos).

Keezy- Eles me chamaram de preta. O primeiro dia de aula tinha um tanto de meninos brancos, pardos, só eu que era preta. Eu chegava perto das meninas e ninguém queria ficar perto de mim, saía fora, a única que brincava comigo era uma menina que chamava F. que mudou de escola. Quando eu passei pro segundo eles começou a gostar de mim então...Mas eles me chamavam de preta, que eu tinha o cabelo ruim, que falaram da minha família. Quando minha mãe faleceu eles falaram de minha mãe, eu brigava, jogava cadeira neles eu tinha vontade porque eu queria jogar eles da janela. Um menino lá falou da mãe “que não tô nem aí que ela morreu que podia ela ir pro sataná”, eu queria pegar esse menino pro pescoço e jogar pela janela, eu tive vontade de matar ele. No outro



ano ele me chamou de preta e eu falei “cês tem inveja de mim porque são tudo branco, pardo e não tem um dia de felicidade, agora eu, tenho só dia de felicidade e vocês ficam aí igual escorregando na maionese.”

P. E qual é o dia de felicidade?

Keezy. É... O dia de felicidade é o dia 20 de novembro, o dia dos negros. Aí que eu gosto mesmo. Os meninos ficam falando assim parabéns, hoje é dia dos negros!

P. Esse dia 20 de novembro comemora na escola?

Keezy. Comemora na escola não, só aqui no Matição mesmo.

P. Então foi aqui que você aprendeu sobre esse dia?

Keezy. Foi aqui, agora na escola, tem festa junina, dia dos negros assim não (7 anos).

A partir das falas das crianças, é possível ver a dimensão dos conflitos vivenciados por elas na escola quanto a sua origem, ser do Mato do Tição e a sua identidade étnico-racial, ser criança negra. Cada criança reage de uma forma, do silêncio à agressão. As diversas formas de reação confirmam certa inoperância da escola em atuar efetivamente na desconstrução do preconceito racial e de possibilitar conhecimentos mais ampliados sobre a história e cultura afro-brasileira e a história e cultura dos quilombos.

O discurso da igualdade não é acionado pelas crianças. Elas expressam tristeza e sentimentos ruins quanto ao preconceito sofrido e reagem tentando mostrar as diferenças de sua comunidade com relação às outras. É um desejo de falar para os colegas que Mato do Tição tem especificidades, é quilombola e por isso tem maioria de negros, tem uma cultura própria ligada às tradições afro-brasileiras e por isso tem candombe, tem um jeito próprio de se expressarem a partir do corpo com as danças, músicas, toques do tambor e isso não é macumba na forma pejorativa como foi cunhada. Tem uma religiosidade estruturada em valores do catolicismo e das religiões de matriz africana, pois receberam influências das populações negra, indígena e branca.

A intenção de dar explicações marcando as diferenças de seu lugar se contrapõem aos posicionamentos que recorrem ao discurso da igualdade do tipo “todo mundo é filho de Deus”, “somos todos iguais”, tão comuns quando crianças e adultos querem combater o preconceito racial. As crianças de Mato do Tição expressam consciência de que precisam afirmar e valorizar a sua diferença enquanto crianças negras e quilombolas.

Keezy conseguiu elaborar uma resposta que a situa enquanto pessoa: respondeu que tem um dia especial para ser comemorado, que é o *dia dos negros*, dia da



consciência negra e que a torna orgulhosa de sua identidade. A apreensão desse dado pela menina, saber da existência de um dia dedicado aos negros, se deu em seus aprendizados no quilombo, nas comemorações anuais que acontecem na comunidade no dia da consciência negra. Como ela mesma lembra, na escola não existe essa comemoração. Apesar da legislação que incorpora no calendário escolar o dia 20 de novembro como data a ser trabalhada na escola, essa não parece ser a prática da escola de Keezy.

O acesso aos conhecimentos que permitam a valorização da diversidade étnico-racial da população brasileira é fundamental para que se promova o respeito entre as pessoas, sua história e sua cultura.

Os estudantes da educação básica têm o direito de vivenciarem práticas pedagógicas que lhes possibilitem ampliar os seus conhecimentos sobre a diversidade humana, sobre as diferentes culturas, sobre as diferentes maneiras de ser e estar no mundo. Também têm o direito de vivenciar outras formas de relação para que possam superar preconceitos e eliminar todas as formas ou comportamentos discriminatórios em relação às pessoas.

De acordo com Gomes (2006) ao professor cabe uma postura ética, pedagógica e política frente ao desafio de educar para as relações étnico-raciais e garantir “uma educação igualitária e de qualidade para todos, respeitando a diversidade” (p.26). Uma educação que não folcloriza determinadas culturas e nem mesmo as neguem ou silencia frente às atitudes e aos comportamentos preconceituosos e discriminatórios.

Existe um esforço das crianças de Mato do Tição para verem sua cultura e sua identidade valorizadas. No seio da comunidade elas são protagonistas de movimentos de afirmação da identidade do seu lugar, aprendem com a tradição e com a história de resistência e luta de seu povo. A menina Kênia (13 anos) expressa de forma muito precisa o que é ser do Mato do Tição, comunidade que tem suas particularidades marcadas pela identidade de comunidade negra e quilombola e também que busca sua inserção no mundo circundante usufruindo das tecnologias disponíveis e vivendo como quaisquer outras crianças.

Nós somos adolescentes como outro qualquer, a mesma coisa, só que a nossa cultura é diferente e é interessante também. A gente faz as mesmas coisas que outras crianças e adolescentes. Brincamos, jogamos bola, nos divertimos,



gostamos de passear. Tem telefone e facebook e também temos folia, candombe, festa de São João, reza do cruzeiro, batuque, carnaval.

No entanto, parece não possível aos educadores ficarem a parte desse processo. De acordo com Gomes

Entender a relação entre escola, currículo e diversidade cultural, seja através do recorte étnico-racial ou de tantos outros recortes possíveis, é inserir-se no contexto das lutas sociais, é assumir um posicionamento político e ético que transforme o nosso discurso em prol da escola democrática e da diversidade em práticas efetivas e concretas (Gomes, 2008, p.39).

Em escolas localizadas em regiões que possuem comunidades quilombolas (praticamente todo o país), o desafio de construção de uma educação para a diversidade é urgente e necessita considerar os quilombos como patrimônios culturais a serem incorporados nos currículos escolares.

Gostaria de enfatizar que as crianças têm elaborado estratégias simbólicas e discursivas de enfrentamento do racismo e isso deveria ser potencializado pelas instituições educacionais.

CONCLUSÃO

Enquanto mulher negra e militante do movimento negro, naquele pequeno quilombo foram estabelecidos diálogos e aprendizagens com as crianças e assim foi possível descortinar um universo rico e dinâmico nos seus modos de ser quilombolas do Mato do Tição.

De forma sucinta, posso dizer que as crianças de Mato do Tição estão imersas em um contexto que lhes permite vivenciar a infância de modo singular. Esse contexto situa-se em um campo mais amplo de resistência e de luta para manutenção dos laços que une aquele grupo desde a sua origem e fundação. Foi e é através dos laços familiares, das redes de solidariedade, da religiosidade, dos laços vitais de comunicação com o sagrado e em conjunto com o celebrar e o festejar que o Mato do Tição existe enquanto herança e patrimônio cultural afro-brasileiro.

Dizendo de outra forma, os membros da comunidade de Mato do Tição estão unidos pelas suas práticas religiosas e culturais e por um sistema sociocultural cujos conteúdos remetem à herança legada por seus antepassados fundadores do quilombo e



também aos seus ancestrais africanos. Às crianças do Mato do Tição são oferecidas várias oportunidades de aprendizagem e possibilidades de experimentar diversas formas de ser: crianças, negras, brancas, quilombolas, católicas e herdeiras de uma ancestralidade ancorada na luta e na celebração da vida em múltiplas dimensões do vivido e sentido. As crianças quilombolas tem muito a nos dizer, especialmente no que tange ao seu próprio bem viver e de sua comunidade, precisamos escutá-las com mais frequência em nossas pesquisas.

REFERÊNCIAS

CAVALLEIRO, Eliane. Do silêncio do lar, ao silêncio escolar. São Paulo: Contexto: 2000.

CHISTÊ, Tânia M. “*Aqui é minha raiz*”: o processo de constituição identitária da criança negra na Comunidade Quilombola de Araçatiba. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Espírito Santo, 2012.

COHN, Clarice. Antropologia da Criança. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CORSARO, William A. A reprodução interpretativa no brincar ao “fazer de conta” das crianças. *Educação, Sociedade e Cultura*. São Paulo: 2002, n.17 p. 113-134.

_____. Entrada em campo, aceitação, e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. In: *Educ. Soc. Campinas: CEDES*, maio/ago/2005, p. 443-464.

_____. *Sociologia da Infância*. Porto Alegre: Artmede, 2011.

D’ADESKY, Jacques. Racismos e Anti-Racismos no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

DIAS, Lucimar Rosa. Diversidade Étnico-racial e Educação Infantil: Três escolas. Uma Questão. Muitas Respostas. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade federal do Mato Grosso do Sul, 1997.

FAZZI, Rita de Cássia. O drama racial de crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

FONSECA, Marcus Vinícius. As primeiras práticas educacionais com características modernas em relação aos negros no Brasil. In: SILVA, P. e PINTO. R. P. *Negro e Educação*. São Paulo: ANPED e Ação Educativa: 2000, p.11-36.

GÓES, José Roberto e FLORENTINO, Manolo. Crianças escravas, crianças dos escravos. In: DEL PRIORE, Mary. *História das Crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto 2008.

GOMES, Ana Maria Rabelo. Outras crianças, outras infâncias? In: SARMENTO, M. e GOUVEA. *Estudos da infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 82-96.

GOMES, A.M.R., SILVA, R. e PEREIRA, V. M. (20013). Aprendizagens e Vida cotidiana entre Meninos e Meninas Xacriabá. Artigo apresentado XIII SIEE (Simpósio Interamericano de Etnografia da Educação), set. 2013.

GOMES, Núbia e, PEREIRA, Edmilson. Assim se Benze em Minas Gerais. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1989.

_____. *Mundo Encaixado*, significado da cultura popular. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1992.

GOMES, Nilma Lino e SILVA, Petronilha B. G. Desafio da Diversidade. In: GOMES, N. L. e SILVA, P. G. *Experiências Étnico-Culturais para a Formação de Professores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio A. Classes, raças e democracia. São Paulo: editora 34, 2002.

_____. *Preconceito e Discriminação*. São Paulo: Editora 34, 2004.

_____. Raça, cor, pele e etnia. *Cadernos de Campo*. São Paulo: USP, v. 20, n. 20, jan./dez. 2011, p. 265-271.

KRAMER, Sônia. Autoria e autorização: questões éticas da pesquisa com crianças. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 116, p. 41-59, jul. 2002.

_____. (Org.). *Infância e Produção Cultural*. 7ª. Ed Campinas: Papius, 2010.

_____. LEITE, Maria Isabel (Org.). *Infância: Fios e Desafios da Pesquisa*. 10ª. Ed. Campinas: Papius, 2008.

LANCY, David, e GROVE, Anete. The Role of Adults in Children's Learning. In: LANCY, David, BOCK, J. e GASKINS, S. *The Antropology of Learning in Childhood*. Lanham: Altamira Press, 2010, p.145-180.

MOTT, Maria Lúcia de Barros. A criança escrava na literatura de viagens. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 31, p. 57-98, dez. 1979.

PAULA, Elaine e SILVA FILHO, J. J. As brincadeiras das crianças de um quilombo catarinense: imaginação, criatividade e corporalidade. In: ARROYO, M. e SILVA, M. R. (Orgs) *Corpo Infância – Exercícios Tensos de Ser Criança por Outras Pedagogias dos Corpos*. Petrópolis: Vozes, 2012, p.184-213.

PAULA, Elaine. “Vem Brincar na Rua!” – *Entre o Quilombo e a Educação*: capturando expressões, experiência e conflitos de crianças quilombolas nos entremeios desses contextos. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. 2014.

PEREIRA, Edmilson de Almeida. *Os tambores estão frios, herança cultural e sincretismo religioso n ritual do candombe*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2005.

_____. *Malungos na Escola: Questões Sobre Culturas Afrodescendentes e Educação*. São Paulo: Paulinas, 2007.

SANTANA, Patrícia M. *Modos de ser criança no quilombo Mato do Tição*. (Tese de Doutorado - Programa da Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social), Faculdade de Educação da UFMG, Jaboticatubas - Belo Horizonte- MG, 2015.

SARMENTO, Manuel José Jacinto. *Geração e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância*. In: Educ. Soc. Campinas: CEDES, Mai./Ago./2005, p. 361-378.

_____. Sociologia da Infância: correntes e confluências. In: SARMENTO, M. e GOUVEA, Maria Cristina. *Estudos da Infância – Educação e Práticas Sociais*. Petrópolis: Vozes, 2008, p.17-39.

_____. Infância, Diversidade e Expressão. Simbólica. In: *Seminário Internacional Educação Intercultural, Movimentos Sociais e Sustentabilidade*. Florianópolis, 2006. Disponível em <http://WWW.rizoma3.ufsc.br>. Acesso em 25/08/2010.

SILVA, Beatriz Caitana. *Infância Quilombola – (in) visibilidades, territórios e identidade*. IV Colóquio Internacional de Doutorandos/as, Coimbra: CES, set. 2013.

_____. *A Construção da (In) Visibilidade da Infância Quilombola; o papel do Estado e Movimento Social*. (Dissertação de Mestrado em Sociologia), Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Portugal, 2011.

SILVA, Consuelo D. *Negro qual é o seu nome?* Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

SILVA, Petronilha Beatriz G. Dimensões e sobrevivências de pensamentos em educação em territórios africanos e afro-brasileiros. In: LIMA, Ivan Costa e SILVEIRA, Sônia. *Negros, Territórios e Currículos*. Florianópolis, NEN/Fundação Ford, 2000, p.77-90.

_____. Aprender a conduzir a própria vida: dimensões do educar-se entre afrodescendentes e africanos. In: BARBOSA, Lúcia M. de A. (Org.). *De Preto a afrodescendente; trajetos da pesquisa sobre relações raciais no Brasil*. São Carlos; EDUFSCAR, 2003, p. 181-197.

_____. Africanidades brasileiras: esclarecendo significados e definições. *Revista do Professor*. Porto Alegre. N. 19 (73), p. 26-30, jan./mar. 2003.

_____. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. *Educação*. Porto Alegre: Ano XXX, n. 3 (63), p. 489-506, set./dez., 2007.

SPINDOLA, Arilma Maria de A. *A Cultura da criança Quilombola: Leitura Referenciada em Estudo, Relatos Orais e Imagens*. (Dissertação de Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2007.

SIROTA, Régine. *Emergência de uma Sociologia da Infância: Evolução do Objeto e do Olhar*. *Cadernos de Pesquisada Fundação Carlos Chagas*, São Paulo n. 112, p. 7-31, marco/2001.

TRINIDAD, Cristina Teodoro. *Identificação étnico-racial na voz de crianças em espaços de educação infantil*. (Tese de Doutorado em Psicologia), Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Educação, Universidade Católica de São Paulo, 2011.

*Recebido em outubro de 2017
Aprovado em novembro de 2017*